



JOSÉ VERÍSSIMO, INTELLECTUAL AMAZÔNICO:

a construção de um lugar de produção (Pará, 1877-1892)

FELIPE TAVARES DE MORAES*

José Veríssimo foi uma figura importante no campo intelectual paraense e brasileiro, destacando-se como pensador social da história, cultura, literatura e educação. Sua produção assentou-se no Pará (1877-1891) e no Rio de Janeiro (1891-1915). Tal produção circulou, informou debates, polêmicas e interpretações. Esta pesquisa pretende problematizar e analisar a produção de um lugar nacional e investigar um lugar de produção amazônico (CERTEAU, 1982; FARIA FILHO, CATANI, 2005).

O pressuposto deste estudo é o questionamento da “chave de interpretação”, constituído pelo trabalho de João Alexandre Barbosa (1974), na perspectiva da crítica literária, sobre o conjunto da obra de José Veríssimo que estabeleceu a divisão entre *provincial* e *nacional*, respectivamente: as obras produzidas no contexto amazônico, de cunho histórico, etnográfico, literário e educacional, supostamente marcadas por fragilidades e inconsistências de formação; e as obras produzidas no contexto nacional (Rio de Janeiro), responsáveis por sua consagração como intelectual reconhecido nacionalmente, enquanto crítico e historiador da literatura. Esta chave constituiu a produção de um lugar: José Veríssimo, intelectual nacional, reconhecido crítico e historiador da literatura.

Para exemplificar o alcance desta “chave de interpretação”, selecionamos as teses de doutorado e dissertações de mestrado que elegeram José Veríssimo como objeto e tema de pesquisa, que podem ser organizados a partir de três dimensões de análise: 1) a do seu pensamento educacional (CAVAZOTTI, 2003; FRANÇA, 2004; TULLIO, 1996); 2) de suas reflexões histórico-etnográficas (CASTILHO, 2012); e 3) das obras literárias (ANANIAS, 2008). Em linhas gerais, a “chave de interpretação” formulada por João Alexandre Barbosa serve, em alguma medida, de baliza nas apreciações destes trabalhos. Por um lado, quando analisam o pensamento educacional e reflexões literárias de Veríssimo, o consagram como intelectual nacional. De outro, no deslocamento entre o pensamento histórico-etnográfico e o pensamento

* Graduação em História e Mestrado em Educação na Universidade Federal do Pará (UFPA). Doutorando em Educação na Universidade de São Paulo (USP).

educacional e literário, dado as ponderações de Veríssimo sobre sociedade e cultura enfocarem a realidade amazônica – quer dizer, como se houvesse uma ruptura entre suas considerações sobre o contexto paraense e aquelas dedicadas ao cenário nacional.

Observamos que a ratificação desta ruptura contribui para a produção de um lugar de produção no qual José Veríssimo é considerado um intelectual nacional, consagrado por seu pensamento educacional e literário, obscurecendo e obliterando suas análises sobre a realidade amazônica e como elas contribuíram para a constituição de seus trabalhos educacionais e literários. Estes trabalhos também consideram o pensamento de Veríssimo sistematizado nas obras impressas, ora dimensionando-o nos debates intelectuais do seu tempo, ora examinando seu conteúdo em relação a questões específicas, como ensino de história, educação feminina etc. De todo modo, não colocam em causa quais as práticas e experiências sociais contribuíram para a produção do seu pensamento – por isso, esta proposta de pesquisa coloca em questão as experiências e práticas sociais que produziram um lugar de produção e reflexão de José Veríssimo enquanto intelectual amazônico, bem como a sua circulação como sujeito em eventos internacionais e do seu pensamento no cenário nacional.

Nesse sentido, a pesquisa insere-se no campo da História intelectual e dos intelectuais cuja definição é investigar os intelectuais na relação entre as obras que sistematizam seu pensamento e a sua ação política no espaço público. Investe-se, deste modo, na relação entre o *plano subjetivo dos sentidos* e o *plano objetivo das práticas sociais*, encaminhando, por sua vez, no exame dos procedimentos de produção, circulação e recepção de ideias e discursos políticos, científicos, pedagógicos ou artísticos que ultrapassam a lógica e método de análise internalista (de conteúdo) que caracterizou por muito tempo a história das ideias (VIEIRA, 2008; ZANOTTO, 2008).

Este campo é renovado na retomada da *Nova História Política*, no qual a problemática política e do poder não é mais restrita aos domínios do Estado, uma vez que investiga a natureza social e cultural do poder político inserido nas contradições e antagonismos da sociedade civil. Modificou seu objeto de estudo, produzindo desdobramentos da ação política em termos de práticas discursivas, instituições, partidos, eleições, manifestações, opinião pública, guerra, mídia, associações etc. Transformou seus postulados metodológicos, ao incorporar múltiplas temporalidades históricas, estabelecendo o diálogo com outras disciplinas, como a antropologia e

ciência política; adotando novos aportes conceituais, como micropoderes e cultura, representações, imaginário, etc. (RÉMOND, 2003).

Problematizando a “chave de interpretação” e situando no campo da história intelectual e dos intelectuais, propomos investigar a atuação social e política de José Veríssimo no contexto paraense na sua constituição como intelectual amazônico, ou seja, a constituição de um lugar de produção. Assim, fazemos uma breve apresentação da atuação de José Veríssimo no contexto paraense oitocentista, como ele foi objeto de nossas pesquisas anteriores (monografia de graduação e dissertação de mestrado) e o problema desta pesquisa.

José Veríssimo nasceu na cidade de Óbidos, no Pará, em 1857. Seus primeiros anos de estudo foram realizados entre Belém e Manaus, e para cursar o ensino secundário mudou-se para o Rio de Janeiro, ingressando no Imperial Colégio Pedro II, onde concluiu esta etapa em 1869. De volta ao Pará, despontou na imprensa nas décadas de 1870 e 1880 como jornalista de vários periódicos, escrevendo crônicas, críticas literárias e ensaios de cunho histórico e etnográfico.

Alguns dos jornais nos quais trabalhou foram: *O Liberal do Pará*, *Diário do Gram-Pará*, *Província do Pará*, *Comércio do Pará*, *A República*. Em 1883, fundou a *Revista Amazônica*, que tinha por objetivo divulgação literária, científica e artística. Em 1886, ingressa no Clube Republicano Paraense onde os debates políticos eram realizados entre as personalidades locais. Escreveu vários livros. Suas considerações sobre a constituição social e cultural da população amazônica, que sintetizam o seu pensamento histórico-etnográfico, foram expostas no ensaio *As Populações Indígenas e Mestiças da Amazônia – Sua Linguagem, suas Crenças e seus Costumes* – versão revista e aumentada de 1886 do estudo publicado em 1878 sob título *Raças Cruzadas no Pará*, compondo o *Primeiras Páginas*, que apresentou uma visão sobre a população amazônica, dando ênfase nos indígenas e mestiços como atrasados socialmente e degenerados racialmente.

No Colégio Americano, estabelecimento de ensino particular de sua propriedade, que funcionou no período de 1884 a 1888, implementou suas primeiras ideias educacionais e inovações pedagógicas que estavam circulando na Europa, Estados Unidos (ensino intuitivo, lições de coisas, educação física e etc.) e em algumas províncias brasileiras. Desta experiência como administrador e gestor de escola produziu, em 1890, um livro intitulado *A Educação Nacional*, francamente positivista, propugnando o engendramento do sentimento nacional e a educação como meio de regeneração do atraso brasileiro.

Em 1880 e 1889, participou de dois eventos internacionais. O primeiro em Portugal, na cidade de Lisboa, *Congresso Literário Internacional*, com delegados de vários países do mundo, sobretudo europeus, discutindo questões de propriedade literária, traduções e pirataria (expressão utilizada para traduções sem a referência devida aos autores). José Veríssimo participou como ouvinte e correspondente do jornal *A Província do Pará*, enviando artigos e relatando o congresso. O outro evento aconteceu em Paris, o *X Congresso Arqueológico e Antropológico*, no qual Veríssimo apresentou um trabalho intitulado “O Homem do Marajó e a Antiga Civilização Marajoara”. Há poucas informações disponíveis sobre os eventos e acredito que eles são importantes para a socialização de Veríssimo como intelectual que pensa a Amazônia em fóruns internacionais.

Em 1890, assumiu a diretoria da Instrução Pública, ainda no Governo Provisório republicano no Pará (1889-1891), promovendo uma importante reforma da instrução primária. Ficou neste cargo apenas um ano. É instigante pensar como um gestor que ficou tão pouco tempo a frente da Diretoria de Instrução Pública, de um estado que estava em pleno desenvolvimento com a exploração da borracha, tenha realizado uma reforma de impacto em várias administrações posteriores. Após a saída do Pará, dirigiu-se ao Rio de Janeiro onde colaborou em vários jornais e revistas, trabalhando como educador e destacando-se como notável crítico literário. Ao lado de Machado de Assis, idealizou e fundou a Academia Brasileira de Letras (PRISCO, 1937; VERÍSSIMO, 1966).

Na segunda metade do século XIX, com a *Geração de 70* ou a *Escola de Recife*, o positivismo, o evolucionismo cultural e o darwinismo social foram às referências teóricas de pensadores como Silvío Romero, Tobias Barreto e Nina Rodrigues¹, que procuraram analisar a realidade brasileira a partir dessas matrizes, cujo pensamento fazia o elogio a dita superioridade europeia, e para o qual o Brasil estava francamente atrasado. Esta incompatibilidade configurou-se no chamado *dilema brasileiro* e a problemática-chave para a solução desta questão foi a *miscigenação*² (DAMATTA, 1993). José Veríssimo despontou como expoente paraense destes

¹ Estes três intelectuais notabilizaram-se por discussões que envolviam antropologia, história, filosofia e literatura, vide: ALONSO, 2002.

² Segundo os postulados teóricos do evolucionismo cultural, a mestiçagem era vista como uma possível saída, já que a mistura entre brancos e não-brancos, sendo os primeiros superiores biologicamente, incorreria em sucessivos cruzamentos raciais que acabariam por branquear a população. Isso foi designado como ideologia do *branqueamento*, postura “heterodoxa” de aplicação daquelas teorias em razão da realidade nacional. Um dos seus representantes foi Silvío Romero. Mas outros pensadores, como Nina Rodrigues, adotaram uma interpretação mais

debates nacionais e, entre “ortodoxos” e “heterodoxos”, defendeu a *miscigenação* e a *educação* como saídas para a regeneração das raças inferiores (ameríndios e africanos), pela via do *branqueamento*.

Assim, levantamos o problema deste estudo: de que forma o *lugar de produção* das *experiências sociais* (periódica e pedagógica), o *itinerário* (escola, família, meio social de origem), as *redes de sociabilidade* (intelectuais e autoridades públicas) e a *circulação* – por um lado, em eventos internacionais (Portugal, 1880 e França, 1889) e por outro, do conjunto das suas obras (histórico, etnográfica, educacional e literária) e a construção de uma “chave de interpretação” – contribuíram na constituição de José Veríssimo como intelectual amazônico?

Desta forma, partimos da seguinte hipótese: no contexto das décadas de 1870 e 1880, marcados por intensos debates sobre republicanismo, federalismo, secularismo, abolição da escravidão e construção da nacionalidade, o *lugar de produção* é fundamental para compreender a formação do pensamento social e educacional de José Veríssimo e a sua constituição como intelectual amazônico. Este é o ponto de partida para problematizar a “chave de interpretação” construída sobre o conjunto de sua obra, que estabeleceu a divisão entre “provincial” e “nacional”, na qual esta última se constitui o intelectual brasileiro consagrado como crítico e historiador da literatura: a constituição de José Veríssimo como intelectual amazônico é uma forma de compreender a construção de suas obras históricas, etnográficas e educacionais e anuenciar a chave de interpretação sobre sua obra.

Este estudo pretende colaborar com a produção historiográfica nos estudos de História da Educação presente na História Social da Amazônia que tratam sobre processos de modernização social e econômica e a atuação dos intelectuais. Os principais trabalhos, sendo consideradas dissertações de mestrado e teses de doutorado, que trataram desse período são dos pesquisadores William Farias (2005), Maria de Nazaré Sarges (2010), Allan Watrin Coelho (2006), Eveline Sousa (2011), Maurel Barbosa (2011) e Anna Carolina Coelho (2007). No entanto, nenhum desses trabalhos se preocupa com a questão educacional como objeto central de pesquisa. Apenas o trabalho de Wilson Barroso (2006) e Maria do Socorro França (2004) tomam a problemática educacional como questão precípua das suas pesquisas, que servem de referências para este estudo, mas, em razão de suas especificidades, se distanciam da discussão aqui

“ortodoxa”: a partir da valorização da pureza racial, sob a perspectiva do darwinista social, a miscigenação era vista como degeneração (SKIDMORE, 1976; SCHWARCZ, 1993).

empreendida. Estes estudos, em alguma medida, ainda estão relacionados à discussão das idéias e concepções pedagógicas. Assim, quando elegemos como principal preocupação as experiências sociais que constituem o trabalho intelectual no itinerário escolar e familiar, as redes de sociabilidades e a circulação na construção do intelectual amazônico, este estudo representa uma relevante contribuição à produção historiográfica da História da Educação no Pará.

Por outro lado, a pesquisa procura afirmar a relevância dos estudos históricos, etnográficos e educacionais de José Veríssimo, que segundo João Alexandre Barbosa (1974) estaria limitado aos ditames geracionais da *Escola de Recife*, sobretudo no emprego de um instrumental cientificista e raciológico, julgando esta fase *provincial* de menor importância se comparada aos estudos e crítica literária da fase *nacional*, amadurecimento do intelectual consagrado. Divergimos totalmente desta proposição. Assim como José Maia Bezerra Neto (1998), consideramos um grande equívoco “os silêncios da bibliografia” no que diz respeito a não relevância das obras etnográficas, históricas e educacionais de Veríssimo no contexto paraense.

O recorte temporal da pesquisa compreende o período de atuação intelectual de José Veríssimo no Pará, iniciada em 1877, no jornal *O Liberal do Pará* (1877-1879), e encerra com *Amazônia – aspectos econômicos* (1892), publicada no Rio de Janeiro, nas páginas do *Jornal do Brasil*. Mesmo assim, consideramos que ela registre importantes reflexões sobre a região amazônica, sobretudo no que diz respeito à questão da migração e desenvolvimento econômico. Por esta razão, o recorte encerra em 1892.

Outro ponto que justifica este estudo é dimensionar a *circulação* das obras de José Veríssimo e sua *consagração* como intelectual nacionalmente reconhecido, fazendo parte do núcleo fundador da *Academia Brasileira de Letras* (1897), junto a Machado de Assis, Lúcio de Mendonça, Visconde de Taunay, Inglês de Sousa e outros escritores; dirigindo a *Revista Brasileira* (quarta fase, entre 1895-1899); sendo reitor do *Ginásio Nacional* (1892-1898); e colaborando em vários jornais – por exemplo, *Imparcial* e *Jornal do Comércio* – do Rio de Janeiro. O exame desta circulação e consagração é importante para entendermos como se construiu a *chave de leitura* sobre a obra de Veríssimo.

O material empírico consiste em documentos impressos que registraram as ações, ideias, projetos e práticas de sujeitos sociais sob o enquadramento dos dilemas e questões do seu tempo, privilegiando a atuação dos intelectuais, suas produções, redes de sociabilidades e

circulação. Selecionamos quatro categorias: jornais, revistas, correspondência e obras impressas (livros). Estas categorias se dividem entre o contexto amazônico (Pará) e o nacional (Rio de Janeiro e São Paulo). No contexto amazônico, elegemos aquelas que consideramos registrar a experiência periódica (jornais e revista), a experiência pedagógica, as redes de sociabilidade, a circulação e o pensamento social e educacional de José Veríssimo. No contexto nacional, optamos por documentos que inscrevessem a circulação da obra e das idéias de José Veríssimo em quatro categorias: livros de história e crítica literária, biografias, periódicos (jornais e revistas) e antologia escolar.

Do ponto de vista metodológico, selecionamos documentos impressos na articulação entre conteúdo/textualização e materialidade que possibilitam a leitura e a formação da opinião no ambiente citadino, marcado pela interlocução e confronto de projetos políticos, visões de mundo, complexidade de conflitos e experiências sociais. Assim, estabelecemos a distinção entre jornais, revistas e livros enquanto materiais impressos cuja materialidade, periodicidade e conteúdos expressam diferentes mensagens e veiculação de informações, bem como intencionalidades sociais, políticas e culturais na apresentação de projetos políticos e a formação da opinião. Por isso, é fundamental discernir o lugar dos periódicos no espectro social, cultural, político e ideológico no qual a pena de seus editores e colaboradores participam e intervêm, registrando e fazendo história.

Maurilane Biccas (2008), ao analisar as estratégias de formação de professores realizadas pela *Revista do ensino* (1925-1940) em Minas Gerais, apresenta alguns apontamentos metodológicos no tratamento desta fonte impressa como fonte e como objeto de pesquisa na História da Educação, que indicam a relação entre materialidade, conteúdo/textualidade e os sujeitos que fazem a revista. Sugere a formulação de um banco de dados que possibilite a organização dos dados em categorias e o seu posterior cruzamento para fins analíticos. Quanto à materialidade, a autora propõe que seja instado o ano, números publicados, páginas por número, formato (cm), capa, seções, sumário, índice, cores, número de fotografias, número de ilustrações e veiculação de propaganda; a sua periodicidade; formato da revista e modo de manipulação. No concernente a conteúdo/textualidade, indica que sejam investigados os textos informativos ou opinativos, as capas, verso da capa, quarta capa, páginas finais e propagandas; fotografias ou ilustrações; temas; fontes referidas; seções. Por fim, os autores que participam colaborando na revista, na escrita de noticiais, artigos ou editoriais, enfim, que efetivamente contribuem para a

produção do material escrito e veiculado na revista. Acreditamos que estas sugestões metodológicas sejam fundamentais para percepção da especificidade da revista como material impresso e a organização dos dados e a análise segundo os propósitos da presente pesquisa.

Carlos Eduardo Vieira (2007) investigando a relação entre imprensa, intelectuais e modernidade na década de 1920 no Paraná, por meio dos jornais *Gazeta do Povo* e *Diário do Povo*, expõe algumas ponderações metodológicas na consideração do jornal como fonte e como objeto de pesquisa na História da Educação. O jornal impresso diário é uma estrutura midiática que possibilita ação política e cultural e representa a articulação entre meios de comunicação e práticas sociais, sociedade civil e Estado. O jornal conjuga condições de meio de expressão e a produção da vida social. Nesse sentido, é fundamental escrutinar o lugar social ocupado pelo jornal, por seus jornalistas, editorialistas, articulistas, dirigentes e proprietários, suas redes de relações, seus principais temas e assuntos, a presença de seções ou cadernos especializados, a tiragem, a periodicidade, número de anunciantes e de assinantes, o perfil do público e a linha editorial. Estes aspectos indicam a dupla condição do jornal impresso diários, por um lado, como expressão de uma realidade e, por outro, como agente social que intervém na realidade. Estas observações metodológicas são importantes ponderações, pois possibilitam a compreensão do jornal e suas notícias e informações diretamente vinculada à materialidade da sua produção impressa e como meio de expressão e intervenção dos grupos sociais na esfera pública.

Assim, os documentos selecionados para a análise são:

a) Jornais, revista e folheto do Pará: *A Província do Pará* (1877; 1879-1880), *A República* (1886-1887), *Diário do Gram-Pará* (1885-1886), *O Liberal do Pará* (1877-1879), *Gazeta de Notícias* (1881; 1884) e *Revista Amazônica* (1883-1884). Estes jornais de orientação francamente liberal e republicana tinham posições de crítica aberta ou moderada das políticas monárquicas em várias dimensões sociais, da instrução pública à política de terras. José Veríssimo colaborava com artigos de crítica teatral, resenhas, ensaios literários, históricos e etnográficos. A *Revista Amazônica* fundada pelo intelectual paraense objetivava a divulgação de trabalhos científicos, literários e artísticos sobre a região amazônica.

Noticia Geral do Collegio Americano (1884-1888), *O Liberal do Pará* (1884-1889) e *A República* (1886-1887). O *Noticia* era um prospecto (folheto) distribuído em livrarias com fins de divulgação, no qual José Veríssimo expõe em cinco capítulos o programa de instrução e

educação que pretende adotar na instituição, seguindo os princípios da educação moderna, de acordo com os mestres desta ciência: os pedagogistas. Basicamente, tratavam dos métodos de ensino, das disciplinas escolares, os horários, as regras disciplinares e outros elementos que compunham a rotina do estabelecimento de ensino. Os jornais veiculavam propagandas e breves notas escritas por Veríssimo sobre o cotidiano e as atividades de fechamento de semestre.

Escrever em jornais, fundar uma revista e uma escola foram empreendimentos possíveis a partir do estabelecimento de uma rede de relações, assim, acreditamos que estes documentos podem indicar esta rede de interlocução com outros intelectuais e autoridades públicas, estabelecendo diálogos e polêmicas e como elas estão entrelaçadas com as experiências sociais que constituíram Veríssimo como intelectual amazônico.

- b) Obras impressas (livros): *Primeiras Páginas* (1878), *Populações Indígenas e Mestiças da Amazônia* (1886), *Cenas da Vida Amazônica* (1886), *Estudos Brasileiros – 1ª série* (1877-1885) (1889), *A Educação Nacional* (1891) e *Amazônia – aspectos econômicos* (1892). O primeiro de 1878 é uma compilação de trabalhos históricos e etnográficos veiculados na imprensa paraense, dentre eles desponta o “As populações indígenas e mestiças da Amazônia. Sua Linguagem, suas Crenças e seus Costumes”, que é reeditado em 1886, no qual sistematiza suas análises sobre a sociedade paraense, sob o influxo das teorias científicas e raciológicas. O segundo é a sua única obra de ficção escrita no formato de contos na qual retrata a vida das populações ribeirinhas do sertão amazônico. O terceiro é um conjunto de ensaios de cunho histórico, etnográfico e literário, tratando de questões amazônicas e nacionais. O quarto representou a sistematização do seu pensamento educacional, no qual apresentava vários elementos para se pensar uma educação nacional, inventariando, de uma vez, as condições sociais da sociedade brasileira e as experiências educacionais bem-sucedidas nos Estados Unidos e Europa, e a viabilidade de sua aplicação no contexto nacional. Por fim, o último é um conjunto de ensaios tratando sobre questões relativas ao desenvolvimento amazônico, segundo Veríssimo, deveriam modificar-se no sentido da adoção da agricultura, indústria e adoção do trabalho imigrante europeu.

Selecionamos todos os documentos que registrem a circulação de Veríssimo e das suas idéias e obras. A participação em eventos internacionais em Portugal, 1880 e França, 1889, registrados no jornal *A Província do Pará* – o próprio Veríssimo escreveu sobre o evento em

Portugal e o da França existe apenas uma breve nota. Simplesmente não existem estudos sobre sua participação nesses eventos. A publicação de estudos “A religião dos tupi-guaranis” (1881) – *Revista Brasileira* (2ª fase: 1879/1881); “As populações indígenas e mestiças da Amazônia. Sua linguagem, suas crenças e seus costumes” – *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* (1887). A correspondência trocada com Machado de Assis na ocasião da fundação da *Revista Amazônica*, convidando-o para colaborar e enviando o primeiro número. Os documentos que registram a circulação de suas obras e idéias no cenário nacional foram divididas em quatro categorias: *livros de história e crítica literária*, *biografias*, *periódicos* (jornais e revistas) e *antologia escolar* – vide referência de fontes. Parte considerável destes documentos é a biblioteca que referencia as análises de João Alexandre Barbosa e que focam, sobretudo, a atuação de José Veríssimo com historiador e crítico literário e consagrado intelectual nacional.

Procura-se operar com os conceitos que articulem *prática social e política* e *formação do pensamento social e educacional* e *circulação*.

Prática social e política:

Acreditamos que seja fundamental considerar o agenciamento intelectual na articulação entre prática social e política, o lugar social de produção e as experiências sociais que constituem o itinerário e redes de sociabilidade. Intelectuais não vivem enclausurados em seus gabinetes de estudos, seu pensamento não está encarcerado nos livros; ele participa da vida social e política, escreve e lê jornais e revistas, dialoga e estabelece relações com outros grupos sociais; têm amigos, interlocutores e contatos, com os quais tem afinidades de interesses ou antagonismos, estabelecendo debates e polêmicas; suas idéias precisam ver a luz do sol e se expor na praça pública.

Em primeiro lugar, para pensar a prática social e política de José Veríssimo, selecionamos os conceitos de intelectual peculiares às análises de Antonio Gramsci (2001) e Jean-François Sirinelli (2003). Segundo o filósofo político marxista, o intelectual orgânico oscilaria entre a sociedade política (Estado), ocupando cargos na burocracia e sendo representante direto dos interesses da classe dominante, e a sociedade civil, como organizador da cultura, agindo com relativa autonomia quanto aos interesses dos grupos sociais a ele associados, criando ou trabalhando em instituições (jornais, revistas, escolas etc.) nas quais a produção científica, artística e literária estabelece relações entre política e cultura, contribuindo

para a hegemonia de determinados interesses sociais e políticos, visão de mundo e concepção de cultura. Entendemos que esta formulação auxilia na análise das práticas sociais e políticas de José Veríssimo como jornalista escrevendo nos principais jornais liberais que estabeleciam crítica a monarquia e, ao mesmo tempo, como fundador do *Colegio Americano* e da *Revista Amazônica*, importante meios de veiculação de conhecimentos pedagógicos e científicos preocupados em promover o *progresso* e a *civilização* da região amazônica, interessantes às classes médias e dirigentes envolvidas com a economia da borracha.

Além disso, pautado nas discussões de Serinelli (2003), compreendemos que os intelectuais são produtores e mediadores culturais que contribuem para a promoção de debates e discussões que interessam e informam a diversos grupos sociais; portanto, suas formulações e análises representam ação política na esfera pública. A questão basilar, segundo ele, para o estudo da história dos intelectuais é compreender como se constrói “o intelectual”; assim, levanta duas noções fundamentais: itinerário e sociabilidade. Itinerário representa as etapas formativas da trajetória intelectual, o espaço de socialização responsável por sua formação seja na escola (ensino secundário e superior), seja a família e o meio social de origem. Já sociabilidade consiste nas práticas estabilizadoras que formam um agrupamento intelectual: frequentar determinados lugares, a troca de correspondência, a publicação em determinados jornais e revistas – todas as práticas que criam uma rede de afinidades e afetos relacionados ao compartilhamento dos mesmos pressupostos culturais, sociais e políticos. Pretendemos desta forma, entender qual foi o itinerário e as sociabilidades que contribuíram para a formação de José Veríssimo enquanto intelectual amazônico.

O itinerário e as sociabilidades constituem-se um lugar de produção. Para Certeau (1982), em análises epistemológicas sobre o conhecimento histórico, a produção do conhecimento é organizada a partir de uma *operação historiográfica*, que representa, de uma só vez, a articulação entre um lugar social, os procedimentos de análise e a escrita. Consideramos que seja bastante profícuo investigar o itinerário e as sociabilidades como elementos fundamentais para a formação do intelectual a partir da singularidade do seu lugar de produção amazônico. Quer dizer, o lugar amazônico produz o intelectual amazônico. Consideramos que este lugar facultou as condições de produção do pensamento social e educacional de Veríssimo, os procedimentos analíticos que organizam as suas obras e a escrita que divulga o seu pensamento entre os seus pares paraenses.

O itinerário e as sociabilidades possibilitam o engendramento de experiências sociais, de um *fazer-se*. Para Edward Thompson (1981; 1987), *experiência* representa as práticas sociais e culturais que os sujeitos constroem nas relações conflituosas e assimétricas dos grupos sociais que compõem, e que é possível apenas nas relações sociais travadas cotidianamente – relações estas que ofertam todos os conhecimentos práticos para situar o sujeito no mundo social em termos de classe e consciência de classe, sentimento de pertença a um grupo, relações de solidariedade e identidade. Produz a articulação entre racionalidade e sentimento, produz uma consciência afetiva e moral das ações humanas. Acreditamos que o itinerário e as sociabilidades travadas por José Veríssimo na sociedade paraense, sobretudo escrevendo em jornal e revista e sendo diretor de uma escola particular, possibilitou experiências sociais e educacionais para o seu *fazer-se* intelectual amazônico.

Pensamento social e educacional:

Pensamento é diretamente articulado a práticas sociais, políticas e culturais. Nesse sentido, elegemos os conceitos de *repertório cultural* de Angela Alonso (2002) e *representação* de Roger Chartier (1990) para o exame da construção do pensamento social e educacional de José Veríssimo. Para Chartier o conceito de *representação* diz respeito a percepções e apreciações responsáveis por produzir compreensões estáveis e partilháveis, quer dizer, constitui-se em *esquemas intelectuais* nos quais o outro toma sentido e torna-se decifrável e inteligível. As representações produzem *estratégias* e *práticas* que possibilitam a imposição de uma autoridade, a legitimação de um projeto reformador ou mesmo justifica para os indivíduos suas escolhas e condutas. Portanto, o conceito de representação permite compreender os esquemas intelectuais utilizados por Veríssimo para construção do seu pensamento a partir de estratégias e práticas, sobre a relação entre sociedade, cultura e educação na região amazônica.

Para Angela Alonso (2002), partindo da sociologia política de Charle Tilly, *repertório cultural* é o conjunto de recursos intelectuais (padrões analíticos, noções, argumentos, conceitos, teorias, esquemas explicativos, formas estilísticas, figuras de linguagem, metáforas), uma espécie de “caixa de ferramenta” à qual os agentes recorrem seletivamente diante de situações políticas concretas: formas de pensar e formas de agir estão inseridas em práticas e redes sociais. Analisando a produção escrita do movimento da geração de 1870, a autora

postula “estratégias de ação”, havendo uma correlação direta entre os textos escritos e formas de ação, uma vez que representaram formas de intervenção política dos debates dos anos finais do império. Desta forma, os modelos científicos europeus (positivismo, naturalismo etc.) não foram escolhidos de modo acidental. Ao contrário, foi objeto de escolhas segundo critérios políticos adotados de acordo com conjuntura específica e selecionados por um repertório cultural empenhados na ação política. Compreendemos que este conceito nos possibilita analisar a formação do pensamento social e educacional de José Veríssimo, a constituição de sua produção escrita como mobilização política selecionada e filtrada das teorias científicas europeias, adequadas segundo as peculiaridades da realidade amazônica: um repertório cultural europeu mobilizado por um intelectual amazônico.

Circulação:

De acordo com Serge Gruzinsky (2001a; 2001b), a circulação é a dimensão de movimentação e deslocamentos entre “local” e “global” na proposta de uma história conectada. “Local” e “global” são definidos em função das relações estabelecidas entre espaços geográficos, regiões, grupo sociais e culturais, é a articulação entre as escalas que vão demarcar os parâmetros da relação. Deste modo, “local” e “global” não são considerados como oposições irreduzíveis, sem comunicação e trocas, uma vez que se constituem espaços de trânsito, de mistura. Ao analisar o processo de colonização, a relação entre metrópole e colônia, inseridos na mundialização e ocidentalização, permeado por um violento processo de dominação, evidenciou os pontos de mesclas e mestiçagens: biológicas, línguas e crenças, saberes e técnicas, formas de organização do trabalho. A circulação é o trânsito entre “local” e “global” do ponto de vista da conexão, da troca, da mestiçagem. Nesse sentido, este conceito pode nos ajudar a pensar relação entre José Veríssimo “intelectual amazônico” e “intelectual nacional”, sobretudo, no seu deslocamento como sujeito em eventos internacionais e das suas idéias no cenário nacional. Considerar a conexão entre o “intelectual nacional” e “intelectual amazônico”, de modo a anuanciar a “chave de interpretação” que postulou a hierarquia “provincial” e “nacional”.

Referências bibliográficas:

ALONSO, Angela. *Idéias em movimento: a geração de 1870 na crise do Brasil-Império*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

ANANIAS, Vilmar Henrique. *A construção da identidade do crítico literário a partir de argumentos morais em artigos de José Veríssimo*. 106f. Dissertação de Mestrado – Programa de Mestrado em Letras: Teoria Literária e Crítica da Cultura. Departamento de Letras, Artes e Cultura da Universidade Federal de São João Del Rei, 2008.

BARBOSA, João Alexandre. *A tradição do impasse: linguagem da crítica e crítica da linguagem em José Veríssimo*. São Paulo: Ática, 1974.

BARBOSA, Maurel Ferreira. *O Pagé: o naturalismo inacabado de Marques de Carvalho (1884-1887)*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, 2011.

BARROSO, Wilson da Costa. *Educação e cidadania no republicanismo paraense: a instrução pública primária nos anos de 1889-1897*. Dissertação (Mestrado) Universidade Federal do Pará. Centro de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2006.

BEZERRA NETO, José Maia. O homem que veio de Óbidos: pensamento social e etnografia em José Veríssimo (1877/1915). *Anais do Arquivo Público do Estado do Pará*, Belém, v. 3, n. 2, p. 239-262, 1998.

BICCAS, Maurilane de Souza. Impresso pedagógico como objeto e fonte para a História da Educação em Minas Gerais: *Revista do Ensino (1925-1940)*. In: MORAIS, Christiani; PORTES, Écio; ARRUDA, Maria Aparecida. *História da Educação: ensino e pesquisa*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008, p.71-106.

CASTILHO, Marina Moreno. *O indígena no olhar de José Veríssimo*. 236f. Tese de Doutorado – Programa de Pós-Graduação em História Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Departamento de História da Universidade de São Paulo, 2012.

CATANI, Denice B.; FARIA FILHO, Luciano M. Um lugar de produção e a produção de um lugar: a história e a historiografia divulgadas no GT História da Educação da ANPed (1985-2000). In: GONDRA, José Gonçalves (Org.) *Pesquisa em História da Educação no Brasil*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005, p. 85-112.

CAVAZOTTI, Maria Auxiliadora. *O projeto republicano de educação nacional na versão de José Veríssimo*. São Paulo: Annablume, 2003.

CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

COELHO, Alan Watrin. *A ciência de governar: positivismo, evolucionismo e natureza em Lauro Sodré*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia. Belém, 2006.

COELHO, Anna Carolina de Abreu. *Santa-Anna Nery: um propagandista “voluntário” da Amazônia (1883-1901)*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, 2007.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

DAMATTA, Roberto. “Digressão: fábula das três raças, ou problema do racismo à brasileira”. In: _____. “*Relativizando: uma introdução à Antropologia Social*”. Rio de Janeiro: Rocco, 1993, pp.58-85.

FARIAS, William Gaia. *A Construção da República no Pará (1886-1897)*. Tese de Doutorado – Universidade Federal Fluminense, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Doutorado em História Social (setor de moderna e contemporânea), Niterói (RJ), 2005.

FRANÇA, Maria do Perpétuo Socorro Gomes de Souza Avelino. *José Veríssimo (1857-1916) e a Educação Brasileira Republicana: raízes da Renovação Escolar Conservadora*. Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação. Campinas, SP: [s.n.], 2004.

GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do Cárcere*, volume 2. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

GRUZINSKI, Serge. *O pensamento mestiço*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001a.

_____. Os mundos misturados da monarquia católica e outras connected histories. *Topoi*, Rio de Janeiro, p. 175-195, mar., 2001b.

PRISCO, Francisco. *Jose Verissimo: sua vida e suas obras*. Rio de Janeiro: Redeschi, 1937.

RÉMOND, René. *Por uma história política*. 2ª ed. Rio de Janeiro: FGV, 2003.

SARGES, Maria de Nazaré. *Belém: riquezas produzindo a Belle Époque (1870-1912)*. 3. ed. Belém: Paka-Tatu, 2010.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René. *Por uma história política*. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2003, pp. 231-269.

SOUSA, Eveline Almeida de. *Os ideias de civilização na Amazônia Imperial: um estudo sobre os projetos de civilização indígena no Pará (1845-1889)*. Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, 2011.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e a questão racial no Brasil (1870/1930)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SKIDMORE, Thomas E. *Preto no branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro*. Tradução de Raul de Sá Barbosa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

THOMPSON, Edward P. *A formação da classe operária inglesa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. (vol. 1- A árvore da liberdade).

_____. O termo ausente: experiência. In: _____. *A miséria da teoria ou um planetário de erros*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981, p. 180-200.

VERÍSSIMO, Ignácio José. *José Veríssimo visto por dentro*. Manaus: Edições Governo do Estado do Amazonas, 1966.

TULLIO, Guaraciaba Aparecida. *Transformação ou Modernização? O projeto pedagógico de José Veríssimo para o Brasil República*. 206f. Tese de Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Educação. Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, 1996.

VIEIRA, Carlos Eduardo. *Jornal Diário como fonte e como tema de pesquisa em história da educação: um estudo da relação da imprensa, intelectuais e modernidade nos anos de 1920*. In.: OLIVEIRA, Marcus Aurélio Taborda. *Cinco estudos em história e historiografia da educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007, p.11-40.

_____. *Intelligentsia e intelectuais: sentidos, conceitos e possibilidades para a história intelectual*. *Revista Brasileira de História da Educação*, nº 16, jan./abr. 2008.

ZANOTTO, Gizele. *História dos Intelectuais e História Intelectual: contribuições da historiografia francesa*. *Biblos*, Rio Grande, 22 (1): 31-45, 2008.